

Angola: o paradoxo entre o ensino, a selvajaria e barbaridade. Será que a educação terá falhado nos seus desígnios?

Angola: the paradox between teaching, savagery and barbarity. Will education have failed in its design?

Angola: la paradoja entre enseñanza, salvajismo y barbarie. ¿Habrá fallado la educación en su diseño?

Angola : le paradoxe entre enseignement, sauvagerie et barbarie. L'éducation aura-t-elle échoué dans sa conception ?

Celestino Piedade Chikela

<https://orcid.org/0000-0002-9523-6619>

Doutor. Escola Superior Pedagógica do Bié. Angola

piedadechikela@gmail.com

Alfredo José Chimbinda

<https://orcid.org/0000-0003-0859-5646>

Doutor. Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo. Angola

kandilondjo@gmx.de

Resumo

No presente artigo procura-se reflectir sobre o papel da educação no diagnóstico das causas da selvajaria e barbaridade da humanidade desde o contexto angolano, uma vez que apesar de tantas escolas, universidades, igrejas e desenvolvimento tecnológico vivenciado pelas sociedades hodiernas, um paradoxo se faz eclodir: nunca, como hoje, a humanidade experimentou tanta selvajaria e barbárie, desde a família, o local de trabalho até mesmo as igrejas. Por isso uma questão pontual soa eco: será que a educação terá falhado nos seus desígnios? Dada a relevância da análise em foco e, para o cumprimento do objectivo do artigo, foram utilizados métodos como CPA (Método lógico-filosófico que reside na Conceptualização, Problemática e Argumentação) e Analítico-sintético – crítico, de cujos frutos se pode depreender que a educação no contexto angolano está a falhar nos seus propósitos e precisa com urgência de ser reanimada para sair há hecatombe em que lamentavelmente naufraga.

Palavras-chave: Educação, selvajaria, barbárie, humanização.

Abstract

This article aims to reflect on the role of education in the diagnosis of the causes of the savagery and barbarity of humanity since the Angolan context, since despite so many schools, universities, churches and technological development experienced by today's societies, a paradox is made to hatch: never, as today, has humanity experienced so much savagery and barbarism, from the family, the workplace to even the churches. So a punctual question echoes: has education failed in its designs? Given the relevance of the analysis in focus and, to fulfill the objective of the article, we used methods such as CPA (Logical-philosophical method that resides in Conceptualization, Problematic and Argumentation) and Analytical-synthetic-critical, whose fruits can be deduced that

education in the Angolan context is failing in its purposes and urgently needs to be reanimated to leave there is a disaster in which it sadly sinks.

Key words: Education, wilderness, barbarism, humanization.

Resumen

Este artículo busca reflexionar sobre el papel de la educación en el diagnóstico de las causas del salvajismo y la barbarie de la humanidad desde el contexto angolano, ya que a pesar de tantas escuelas, universidades, iglesias y el desarrollo tecnológico experimentado por las sociedades actuales, surge una paradoja. Nunca, como hoy, la humanidad ha experimentado tanto salvajismo y barbarie, desde la familia, el lugar de trabajo, incluso las iglesias. Por ello, se hace eco de una pregunta concreta: ¿habrá fallado la educación en sus intenciones? Dada la relevancia del análisis en foco y, para cumplir con el objetivo del artículo, se utilizaron métodos como el CPA (método lógico-filosófico que reside en Conceptualización, Problematicación y Argumentación) y Analítica-sintética-crítica, de cuyos frutos se puede Cabe inferir que la educación en el contexto angolano está fallando en su propósito y necesita urgentemente ser revivida para salir del desastre en el que lamentablemente se funda.

Palabras clave: Educación, salvajismo, barbarie, humanización.

Résumé

Cet article cherche à réfléchir sur le rôle de l'éducation dans le diagnostic des causes de la sauvagerie et de la barbarie de l'humanité à partir du contexte angolais, car malgré tant d'écoles, d'universités, d'églises et de développement technologique vécus par les sociétés d'aujourd'hui, un paradoxe éclate : jamais, comme aujourd'hui, l'humanité n'a connu autant de sauvagerie et de barbarie, de la part de la famille, du lieu de travail, voire des églises. C'est pourquoi une question précise se pose : l'éducation aura-t-elle failli à ses intentions ? Compte tenu de la pertinence de l'analyse en foyer et, pour remplir l'objectif de l'article, des méthodes telles que CPA (méthode logique-philosophique qui réside dans la conceptualisation, la problématisation et l'argumentation) et Analytics-synthetic - critique ont été utilisées, dont les fruits peuvent Il faut en déduire que l'éducation dans le contexte angolais échoue dans sa mission et doit être relancé de toute urgence pour sortir du désastre dans lequel elle sombre malheureusement.

Mots-clés: Education, sauvagerie, barbarie, humanisation.

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade abalada pelo fenómeno da globalização, onde o homem vale mais pelo que tem do que pelo que é; existe uma competição dramática entre o ser e o ter e, o mais grave é o facto de que o ser está relegado para o segundo plano. E, quando tratamos de axiologia estamos ipso facto a aludir à questões ligadas ao ser e à cultura.

O homem identifica-se por uma cultura, cultiva-se numa sociedade e não vive em sociedade senão observando valores. Estes valores são o conteúdo e suporte da cultura e em última análise é suporte de uma sociedade que para sua transmissão encarrega à escola e aos professores esta eminente tarefa. Quando não existem valores não há cultura e por isso mesmo decai o homem e homem decaído quanto aos valores, é a sociedade que também e simultaneamente cai. Decadência de valores, decadência de cultura e decadência da sociedade (corrupção do homem) identificam-se.

Por isso, vivemos, segundo Handy (1996), uma *Era da Incerteza*. A Sociedade Moderna encontra-se num ponto onde já nada é certo, nada é um dado adquirido. E isto, em vez de nos fazer pensar um pouco sobre o nosso futuro, normalmente leva a que cada um de nós se isole mais dos outros, num momento em que à nossa volta políticos, políticas, posturas e verdades, são cada vez mais colocados em causa.

E "*é quando desaparece a certeza, que cada um de nós deve encontrar as suas próprias respostas*" (Handy, 1996, pág. 21), diria mesmo, questionando o seu percurso, o seu projecto de vida, a sua identidade, enfim a essência do seu ser, buscando na tensão entre o espiritual e o material, a resposta à sede de ideal ou de valores como forma de estar e ser. É preciso que cada homem se procure e tenha tempo de se procurar e não só procurar-se mas buscar reencontra-se.

Uma maneira do homem reencontrar-se reside na educação. Em todos os tempos e povos se exerceu sempre a actividade educativa destinada a dar aos mais jovens de um grupo comunitário determinadas capacidades que tornam possível e melhor a sua vida individual e social, de acordo com os princípios fundados na natureza do homem e vigentes no mesmo grupo. O homem precisa do outro homem para adquirir tais capacidades. Por isso é que se costuma a dizer: o homem não é homem sem os outros homens.

A educação distingue-se do simples ensino ou instrução. O ensino ou instrução limita-se a ensinar a saber ler, escrever e fazer as contas. A educação preocupa-se com a formação da pessoa; ajuda a fazer conhecer e seguir determinadas normas que possibilitam um bom comportamento, boa convivência, a obtenção de bons hábitos; preocupa-se em ensinar o homem a fazer o bem e evitar o mal, a ter responsabilidade, a preparar-se devidamente para as funções a desempenhar na sociedade. Neste paradoxo, encontra-se a nobre missão da escola que não reside simplesmente em instruir mas, sobretudo, educar.

Platão foi considerado o primeiro autor que considerou a educação como iniciação, porque afirma, em *A República* livro VII, que “se passa do estado da barbárie ao de cidadão por meio do conhecimento”; e a tese central da metáfora da educação como iniciação afirma, por seu lado, que a tarefa educativa tem como principal finalidade introduzir os seres humanos que chegam a este mundo nas tradições culturais às quais pertencem, que são recebidas pelos indivíduos de forma diferente daquela que se herda como património genético. (Sousa, 2003, p.17).

Desta feita, o homem constitui o sujeito da educação, pois todas as experiências vivenciadas por ele, são fruto da sua aprendizagem. Assim, aprendemos a falar, a escrever, a alimentar-se, graças aos outros.

Em pleno século XXI, o principal desafio da escola sobretudo no contexto angolano, reside sem sombras de dúvidas na humanização do sujeito pois, que muitos possuem o diploma na mão mas a consciência vazia de valores, isto é, apesar de muitas escolas, universidades, institutos superiores, igrejas, as pessoas vivem numa incerteza tal que leva a sociedade a andar a deriva, em virtude das seguintes realidades:

- ✓ Elevado índice de comportamentos antissociais: violência social, violência doméstica, roubos, furtos, assassinatos, suicídios, guerras, abortos e tantas outras práticas, indicando que a vida quase que não tem sentido;
- ✓ Crise dos valores sociais;

- ✓ Descompasso entre a formação académico e o comportamento do sujeito na vida social;
- ✓ Banalização da escola e do seu papel.

Deste modo, surgem alguns questionamentos prévios: O que vem a ser afinal a educação? A quem recai a educação? Qual é a sua função? Que modalidades da educação existem? Porquê afinal de tanta barbárie e selvajaria na humanidade apesar da preocupação crescente com educação do homem? Será que a educação falhou no seu propósito? Senão então quem falhou? O homem ou a escola? As políticas educativas ou os programas? Os professores ou a família?

Nossa pretensão não reside directamente em responder milimetricamente à estes questionamentos.

A nossa pretensão não reside em responder milimetricamente à estas questões, no entanto, elas podem contribuir para a abertura a uma análise crítica e contextual, pois a pergunta, na perspectiva filosófica, possui maior relevância do que a resposta, pois abre horizontes epistemológicos a uma visão reflexiva. No entanto, servirão de reflexão para o desenvolvimento deste trabalho.

Assim, o **objectivo central** da presente abordagem reside em: Reflectir sobre o papel da educação no diagnóstico das causas da selvajaria e barbaridade da humanidade no contexto angolano.

Métodos: CPA (Método lógico-filosófico que reside na Conceptualização, Problemáticação e Argumentação) e Analítico-sintético – crítico que vai permitir a compreensão da problemática desde a composição do todo pelas partes e vice-versa com uma perspectiva crítica, olhando sempre para o contexto objecto de análise.

DESENVOLVIMENTO

Conceitos sobre educação

Sem educação, o homem não é plenamente homem ou como afirmaria Kant, “o homem só se torna homem mediante a educação”. Mas afinal o que vem a ser a educação e para que serve?

A importância do levantamento de questões, tais como – para quê educar? – constitui, inevitavelmente, um campo de reflexão filosófica fundamental para quem actua em educação, pois é através do exercício deste reflectir que se determinam modos distintos de poder, de decisão e de liberdade responsável de cada um.

Nesse sentido, e em nosso entender, a educação nunca poderá distanciar-se de um filosofar que se interroga permanentemente sobre o(s) sentido(s) do existir, na perspectiva antropológica, em articulação íntima com a vida e toda a aprendizagem experiencial que dela brota.

Na raiz etimológica de “educação” está a ideia de chefe, guia (*dux*), donde deriva o verbo “*ducere*” (conduzir, guiar) e ainda “*educere*” (conduzir para fora, tirar, dar à luz) e “*educare*” (criar animais e plantas, cultivo); deste último verbo deriva mais directamente a palavra “educação”. O primeiro vocábulo (*educere*) sugere mais o sentido de auto- educação (movimento de dentro para fora, “Maiêutica” Socrática- arte de dar à

luz) e o segundo (*educare*) de hetero - educação (de fora para dentro) (Oliveira, 1997, p.13).

“Educação” em Latim e nas línguas latinas, porque em Inglês “education” é praticamente sinónimo de ensino escolar, enquanto em Alemão “Erziehung” tem o sentido de “puxar” esforçosamente e com êxito – é sinónimo de “Pedagogia, em Grego, que etimologicamente significa “condução de crianças”(Pais-paidós, criança, e agôgê, acção de transportar ou conduzir) (em grego, “educação” diz-se Paideia, mas também se pode dizer anâtrope, alimento, como educatio em Latim).

Existem várias definições da educação. Melhor é tentar dar uma definição descritiva que inclua a educação como um processo, produto e sistema (Mialaret, 1976): a educação é acção intencional ou voluntária, de um adulto (educador) sobre uma criança (educando), usando métodos mais ou menos autoritários ou dialogantes, tradicionais ou modernos, em ordem a levar a criança ou ajudá-la (conforme se acentue mais à hetero ou a auto-educação), a desenvolver todas as suas potencialidades “educação integral ou holística”, a fim de que possa atingir o fim (último) do ser humano (expresso em felicidade, perfeição, maturidade, realização, liberdade, transcendência, salvação.

Para Hermano Carmo, a educação define-se a partir de três perspectivas:

- ❖ Perspectiva Macro-sociológica
- ❖ Perspectiva Meso-sociológica
- ❖ Perspectiva Micro-sociológica

Na primeira perspectiva (Macro-sociológica) a educação é concebida como uma questão económica e política, quer pela amplitude de necessidades e recursos envolvidos, quer pelos efeitos globais do seu funcionamento. O que significa que os sistemas educativos devem responder a enorme procura, com o tipo de política que possa privilegiar a qualificação e diversificação. Assim, toda educação tem o carácter classista, porque depende do Estado e da sua política educativa.

Na segunda perspectiva (Meso-sociológica), a educação é entendida como um problema organizacional, uma vez que a gestão dos recursos (humanos, materiais e financeiros), tem efeitos imediatos na eficácia e na eficiência do processo educativo. Neste sentido, as políticas direccionam-se em três dimensões distintas:

1. Na clarificação dos papéis e das regras de comunicação entre a escola e os organismos de tutela;
2. No estabelecido de parcerias entre a escola como a instituição social e a comunidade envolvente, com o propósito de potencializar os recursos necessários ao desenvolvimento de projectos educativos de forma co-responsáveis;
3. Na adequação da gestão interna, partindo da plena consciencialização de que o desempenho da função de gestão exige competências específicas independentemente da preparação profissional que é exigida ao um docente.

Na terceira perspectiva (Micro-sociológica), a educação é entendida como um problema profissional, uma vez que o processo educativo resulta de relações interpessoais estabelecidas entre os diversos protagonistas envolvidos no processo. Estão envolvidos os professores e os alunos.

Platão , na sua «República» (Liv. VII) afirma:

“Cada um possui a faculdade de aprender e o órgão destinado a esse uso, semelhante a olhos que só poderiam voltar-se das trevas para a luz, deve voltar-se com toda a alma para o que há de mais luminoso no ser, aquilo que chamamos o bem! A educação é a arte que se propõe este objectivo. Não em dar a vista ao órgão, que já a tem, mas encaminhá-la na boa direcção” (p.17).

Assim, partindo deste depoimento implica enfatizar-se que o papel da escola enquanto instituição socializadora por excelência, reside em encaminhar o homem para a recta razão a fim de encaminhar o seu agir para o bem, ou seja, para a boa direcção, isto é, àquela exigida pela sociedade e que só a sua natureza não lhe oferece. Por isso, precisa de aprender e, a escola é a responsável para este facto.

Uma das tarefas da educação nas sociedades tem sido a de mostrar que os interesses individuais só se podem realizar plenamente através dos interesses sociais. Em outras palavras, a educação, ao socializar o indivíduo, mostra a este que, sozinho, o ser humano não sobrevive. (Meksenas, 2003, p.13)

Durkheim percebeu que a convivência na sociedade é impossível sem a educação: elemento adaptador e normalizador básico na integração indivíduo-sociedade. As gerações adultas, já socializadas e por isso já integradas à sociedade, exercem uma acção sobre as gerações mais jovens, procurando não apenas desenvolver o potencial da criança, mas, sobretudo, torná-la ser social através da inculcação dos valores sociais estabelecidos na sociedade. Uma função integradora é a que cabe à educação. Isso fica muito claro quando Durkheim afirma que: “*a educação consiste numa socialização metódica das novas gerações*”. (Idem).

A escola também educa para a democracia e a justiça. A democracia literalmente significa governo do povo, para o povo e com o povo. O cumprimento da democracia faz abertura à justiça enquanto capacidade de dar a cada um aquilo que lhe é devido.

A justiça, independentemente das múltiplas interpretações de que tem sido alvo ao longo da história, parece ser uma aspiração de toda a humanidade. Nesse sentido, e para não recuar muito no tempo, também a Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948 reafirma esse impulso universalista quando, no seu preâmbulo, diz que: “A liberdade, a justiça e a paz no mundo têm por base o reconhecimento da dignidade intrínseca e dos direitos iguais e inalienáveis de todos os membros da família humana”.

Por outro lado, cada vez mais a humanidade parece sentir também que a linguagem dos direitos humanos é aquela que afirma, de um modo mais coerente, a “igualdade moral de todos os indivíduos”.

Para Gatti (1994, pp.319-322), a educação é a transmissão da moral social pois que todo facto educativo e o moral são inseparavelmente conexos. “Toda actividade educativa tem de ter uma sua valência ética”. A educação deve imprimir, mesmo que de modo imperceptível, uma personalidade moral sobre o educando. Toda a forma de educação produz sempre formação moral. Desta feita, as ciências de Educação dedicaram nas últimas décadas a esta dimensão ética do facto educativo uma atenção sempre mais relevante.

Assim a expressão educação moral não indica só uma realidade de facto, mas também um campo de pesquisa do saber antropológico em via de rápida expansão e aprofundamento que se articula seja sob o plano teórico, como estudo prevalentemente psicológico do

desenvolvimento moral, seja sob o plano normativo, como guia á praxis pedagógica. Estas formas de saber interferem profundamente na reflexão filosófica no campo ético.

A verdadeira educação escolar (e familiar) deve ser coeducação. É mediante a educação que o indivíduo vai assimilar a cultura da sua própria sociedade. Este processo chama-se **socialização** que é definida como “ processo pelo qual o indivíduo é absorvido pela cultura da sua sociedade. Fundamentalmente é uma aprendizagem, visto graças a ela o indivíduo aprende a adoptar-se aos grupos, normas, imagens e valores, isto é, a aceitar as ideias e as condutas da sociedade onde se encontra”. (Pimenta et al.,1999,p.65).

O objectivo fundamental da educação é prepara o indivíduo duma maneira multifacética, isto é, a formação integral do homem, para poder responder às suas necessidades e às necessidades sociais. “O fim da educação é a realização feliz e integral da Pessoa humana, como bem afirma” *Froebel*; daí que *Muensterberg* afirme que : “a educação deve estar segura dos seus próprios fins para poder seleccionar os meios” (Oliveira, 1997, p.17).

Agências e agentes socializadores: As modalidades da educação: informal, não-formal e formal

A educação pode ser concebida no sentido amplo e restrito. No sentido amplo, é necessário ter em conta a socialização que transmite a cultura. Neste caso, entende-se a cultura como o modo de elevar a criança, o adolescente, o jovem e o adulto a adquirirem maior perfeição humana, exigida pela sua própria natureza.

Ao falarmos da socialização que pressupõe o sentido amplo da educação, leva-nos a fazer referência às instituições socializadoras. Estas, são tidas como as agências que concorrem para a educação do homem.



A educação constitui um dos processos mais complexos de ser levado a cabo, pois além de estar direccionada à seres humanos, diferentes e singulares, múltiplos e subjectivos um do outro, ela é dada de diferentes maneiras, por diferentes instituições e agentes. Aliás, neste sentido, Libâneo (2008, p.92), faz menção à diferentes modalidades, em que o processo educativo é desenvolvido, nomeadamente informal, não-formal e formal.

- **Educação informal:** esta modalidade, a qual o autor também designa de educação não-intencional, é vista por ele, como aquela modalidade não-sistematizado, não planificado, propriamente, não-intencional. Prossegue o autor, salientando que, é uma

modalidade que actua efectivamente na formação da personalidade, todavia, de modo disperso, difuso, com carácter informal, não se constituindo em actos conscientemente intencionais.

- **Educação não-formal:** diferente da educação informal, esta modalidade, à luz do actor, dizem respeito às actividades educativas com carácter de intencionalidade, contudo, com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando relações pedagógicas, mas não formalizadas. Na escola por exemplo, são práticas não-formais as actividades extra-escolares das quais, provêm conhecimentos complementares.
- **Educação formal:** o termo formal, refere-se a tudo o que implica uma forma, isto é, algo inteligível, estruturado, o modo como algo se configura. Neste sentido, e seguindo a perspectiva do autor, a educação formal, é aquela que é estruturada, organizada, planeada intencionalmente, sistemática.

Entende-se que, a educação escolar convencional é tipicamente formal, todavia, isso não significa que, não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional, pois, onde há ensino, escolar ou não, há educação formal. A título de exemplo, realça-se, a educação de adultos, a educação sindical, a educação profissional, desde que sejam intencionais, sistemáticas e sejam desenvolvidas em condições previamente preparadas.

Importa enfatizar que, a educação intencional surge como consequência da complexificação da vida social e cultural, da modernização das instituições, do progresso técnico-científico, da necessidade de cada vez mais, maior número de pessoas participarem das decisões que envolvem a colectividade. A sociedade moderna tem uma necessidade ineludível de processos educacionais intencionais, implicando objectivos sociopolíticos explícitos, conteúdos, métodos, lugares e condições específicas de educação.

Entretanto, é preciso superar as duas visões estreitas do sistema educativo: uma, que o reduz à escolarização, outra que quer sacrificar a escola ou minimizá-la em favor de forma alternativas de educação. Neste sentido, entende-se que, a escola não pode eximir-se de seus veículos com a educação informal e não-formal; por outro lado, uma postura consciente, criativa e crítica ante os mecanismos da educação informal e não-formal depende, cada vez mais, dos suportes da escolarização.

Outrossim, ver a educação como prática social dissolvida nos movimentos sociais, é uma sociologização da educação que empobrece a Pedagogia; ver a educação apenas no âmbito escolar é pedagogismo que empobrece uma visão contextualizada da prática educativa escolar.

Com isso é preciso ter bem assente que, o carácter-intencional e não-institucionalizado da educação informal, não diminui a importância dos influxos do meio humano e do meio ambiente na conformação de hábitos, capacidades e faculdades de pensar e agir do homem, para a compreensão da totalidade dos processos educativos, para além da dualidade docente-discente.

Quando falamos em formação – construção do homem, desenvolvimento da consciência crítica, desenvolvimento de qualidades intelectuais -, referimo-nos a actos intencionais, objectivos explícitos, certo grau de direcção e estruturação, o que não ocorre em contextos não-intencionais. O problema é saber como tais processos podem ser transformados em actos conscientemente orientados ao assumir modalidades de educação formal e não-formal.

Durkheim, citado por Meksenas (2003, p.15), admite que a vinculação entre Estado e educação se dá através da escola, pois é por meio desta instituição que o Estado consegue exercer controle efectivo sobre os indivíduos. A escola, através de suas normas e conteúdos, inculca nos indivíduos valores sociais desta dada sociedade. A supervisão sobre essas normas e conteúdos é encargo do Estado, que atinge a escola através do Ministério e das secretarias de Educação.

A escola é uma comunidade educativa onde se transmitem conhecimentos e se desenvolvem capacidades que permitem ao aluno obter competências essenciais necessárias à sua vida de adulto e para se integrar bem na sociedade. (Oramas & Toruncha, 2002).

Desta feita, a sua primeira função é a socialização baseada na instrução (conhecimentos, hábitos, capacidades) e educação (valores).

Outra função da escola é transmitir a cultura, modelos de comportamento e normas sociais às novas gerações e a todas as pessoas, incluindo os adultos, que necessitam de actualização nos seus conhecimentos.

A escola educa o indivíduo para que seja um bom cidadão que dê o seu contributo para a construção duma sociedade onde todos se sintam bem. (Pinto, 2004).

Um outro valor que a escola transmite é educar as pessoas para a formação permanente. Não basta ficar com aquilo que se aprendeu nas carteiras. Depois dos Diplomas do fim do Curso, a pessoa deve continuar a estudar e a investigar por conta própria.

A escola transmite valores e modos de comportamento que permitem a pessoa viver numa determinada sociedade.

Olhando para o tema que acabamos de abordar importa salientar que na educação do homem concorrem várias agências e agentes dentre as quais a principal e intencionalmente vocacionada para exercer a influencia educativa é a escola na pessoa dos professores. Estes possuem a missão de educar a personalidade integral, feliz e harmoniosa do homem cumprimento com os objectivos de cada sociedade expressos em programas curriculares assentes nas políticas educativas tendentes à formação do homem novo.

Mas apesar de haverem tantas escolas, mais educação a humanidade continua na Selvajaria e na barbárie. Porquê afinal de tanta barbárie e selvajaria na humanidade apesar da preocupação crescente com educação do homem? Será que a educação falhou no seu propósito? Senão então quem falhou? O homem ou a escola? As políticas educativas ou os programas? Os professores ou a família?

Rebuscamos tantas teorias para chegarmos finalmente na essência da nossa abordagem. Se acreditarmos que a educação consiste em preparar o homem para a vida e, mais, se partirmos de Sousa Santos quando afirma que a educação consiste em preparar o homem para servir os interesses do seu país, podemos concluir que ela carrega consigo uma boa intenção de fazer bom o homem ou seja, de o tornar em um bom cidadão, cumpridor das normas sociais, como também terá projectado Platão e sua Paidea ou a educação necessária, com um pendor civilizacional. Isto é, aquela educação que livre o homem da sua barbaridade ou estado natural para que o coloque no estado ideal: civilizado.

Doutro lado, partido dos depoimentos de Platão quando afirma: “ O homem pode se tornar na criatura mais bela do universo sempre que se lhe eduque bem, mas pode transformar-

se na pior besta do mundo sempre que seja mal educado” podemos encontrar a resposta ao questionamento inicial que constitui o fundo de pano desta reflexão científica.

A educação em si não é nem boa, nem má. Ela traz consigo objectivos que podem fazer o homem bom ou mau. Nestes moldes, a educação nunca falha, pois dependerá dos objectivos que ela percorre, pois que engloba conhecimentos, hábitos, habilidades (instrução) e valores socialmente aceites. Quando desligada dos valores, ela torna o homem perigoso e vagabundo, isto é, com diploma na mão mas sem consciência nem responsabilidade social. Daí que faz profissionais desonestos, desumanos, imprudentes, oportunistas e perigosos sociais.

Por isso Comenius (2006) foi muito claro “que vale a sabedoria sem a moral senão como o ouro no focinho dos porcos?”. E mais: “as lamentações de que dentre muitos que frequentam o ensino poucos saem bem formados, a maioria sai simplesmente com um verniz superficial”.

Por isso, deve haver uma sincronia entre a família e a escola na educação do homem. Hoje a família falhou na educação dos filhos e encaminhou-os à escola com mentalidade caduca numa sociedade turbulenta, globalizada e relativizadora de valores e, a escola mesmo fazendo esforço não retira essa caducidade mental pois “o que a família não dá, o que a sociedade não dá, a escola não pode desenvolver”. Por isso também a escola falha nos objectivos educativos pelas razões seguintes:

- ✓ Políticas educativas limitadas e insuficientemente planificadas;
- ✓ Programas muitas vezes incompatíveis com o contexto angolano;
- ✓ Poucos especialistas em Desenvolvimento curricular e, insuficiente consulta aos especialistas existentes a nível nacional;
- ✓ Insuficiente preparação didáctico-pedagógica de professores;
- ✓ Insuficiente número de salas de aulas;
- ✓ Reformas educativas incompatíveis com os contextos locais;
- ✓ Sobrecarga horária de professores;
- ✓ Pouca vinculação escola-comunidade;
- ✓ Incumprimento de programas;
- ✓ Débil remuneração dos docentes;
- ✓ Insuficiente motivação para a aprendizagem por parte dos estudantes pois aludem maior preocupação com o diploma do que com o conhecimento;
- ✓ insuficiente número de escolas de formação de professores
- ✓ descompasso entre a formação inicial e contínua de professores
- ✓ insuficientes centros de superação permanente de professores e carência de quadros altamente qualificados e com formação diversificada nas áreas de educação.
- ✓ Alguns directivos educativos mais preocupados com a gestão financeira ou orçamental do que com a gestão educativa;
- ✓ Débil formação ética e deontológica do professor
- ✓ Falta de orientação educativa dos professores e estudantes, criando profissionais deslocados: homens incertos em lugares certos.
- ✓ Maior prevalência dos interesses individuais aos colectivos criando deste modo os conflitos sociais assentes na barbárie e selvajaria que assistimos nas sociedades actuais.

Para que a educação cumpra com a sua missão será necessário que haja uma coísonia entre as Políticas educativas que segundo Ngaba (2000) são as acções do governo com

vista a consecução de determinados objectivos; que contemplam à luz de Maria Massón (2003) a dimensão filosófica (ideal do cidadão a formar), dimensão legislativa (responsabilidade do estado para sua praticidade), dimensão pedagógica (características que devem ter o currículo) e a dimensão sociológica (que exigências políticas, económicas e sociais essa deve satisfazer); os objectivos da educação e a Política de formação de professores, assim como a participação da família e encarregados de educação; como consequência: qualidade de ensino exaltada.

Assim, se falar sobre a educação é falar sobre a Humanidade; então falar sobre o Professor, é falar sobre o humanizador da sociedade através da Educação que oferece às novas gerações. Destarte não pode ser humanizador quem não recebeu o húmus da humanização, isto é, ninguém pode ser verdadeiramente Humano sem educação e ninguém pode ser verdadeiramente Professor, sem a formação profissional Pedagógica Vocacionada para o efeito.

Por isso, Fernando Savater ressalta no seu famoso Livro “O valor de Educar” que é “preciso nascer para ser humano, mas só chegamos plenamente a sê-lo quando ademais nos contagiarmos com a Humanidade para o propósito... com a nossa cumplicidade”. É deste modo que a educação dá luz ao aluno traz caminho, se transforma em “um outro amor” uma maneira indispensável para minimizar as disparidades sociais e, sobretudo as diferenças anómalas, inóspitos e alarmantes entre pobres e ricos, pois que se diga com abono de verdade, e sem titubeiar de que a verdadeira pobreza é a espiritual, e é, o analfabetismo, que a luz de Julius Nierere, é um dos piores inimigos do Desenvolvimento por isso, juntamente com a pobreza e a enfermidade e mais o analfabetismo cria pobreza e enfermidade Social. Por isso, um grande inimigo a combater.

Desta feita, o professor precisa de ter em conta os sete saberes para a educação do futuro promulgados por Morin (2002), como exigência de se formar uma cultura humanística na base da globalidade planetária assente: “as cegueiras do conhecimento: erro e ilusão; Os princípios de um conhecimento pertinente; Ensinar a condição humana; Ensinar a identidade terrena; Afrontar as incertezas; Ensinar a compreensão e a Ética do género humano”. Daí conclui o autor “ A educação é o melhor instrumento para realizar mudanças”.

CONCLUSÃO

Desta reflexão emerge uma ética da responsabilidade que, no entender de Carvalho (2001, p.117) é fundamento e finalidade da educação: «Fundamento porque, sendo eminentemente relacional, inspira e constitui a relação educativa como relação ética. Finalidade, porque a responsabilidade implica a decisão consciente da aceitação do outro como sujeito de direitos. De facto, se a responsabilidade não fundamentar a educação, esta não chega a emergir porque os processos educativos não serão mais do que meios de despromoção da identidade e da dignidade dos mais frágeis. Se a responsabilidade não fundamentar a educação, os conhecimentos, as técnicas servirão, muito provavelmente, a destruição e a injustiça”.

Importa, assim, destacar com especial ênfase a relevância que adquire, em todo este contexto, uma ética da responsabilidade (Jonas, 1994) que se faz substituir à segurança da ética da convicção, e que se assenta o seu estatuto na consciência adquirida de um sujeito que se pretende responsável não só pelo presente, mas também por um futuro a construir.

A educação deve insistir sempre em valores como o humanismo, a honestidade, a verdade, a justiça, a solidariedade, o amor, o patriotismo, a cidadania e a responsabilidade. Sem a formação para os valores a educação será uma letra morta e estaremos a preparar homens que ao invés de construírem uma sociedade mais justa e humana, estarão a enterrar a mesma sociedade. Aí sim, a educação, falhará realmente no seu propósito de humanizar o homem.

Doutro lado realça-se que a qualidade de ensino em Angola é lastimável; reclama por maior esforço estatal, institucional e pessoal e, que ela pode melhorar se tiver em conta a formação do professor como sendo pressuposto fundamental na preparação de homens com perfil banhado nos quatro pilares promulgados pela UNESCO: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Mas a mesma só será eficaz se tiver em conta a participação responsável das famílias, enquanto espaço inicial da educação do homem e, lugar de continuidade das lições dadas pela escola.

À terminar, apesar de tudo, devemos sim acreditar na educação pois, educar como nos refere Cury (2003), “é ter esperança no futuro, mesmo que o presente nos decepcione; é semear com sabedoria e colher com paciência; é ser garimpeiro que procura os tesouros do coração”. Por isso, deve ser a chave para se sair da hecatombe do “homem lobo do outro homem” (Thomas Hobbes) para o “homem amigo do outro homem” no contexto da sua cidadania.

BIBLIOGRAFIA

- Carvalho, A. (2001). *Filosofia da Educação. Temas e problemas*. Porto: Afrontamento.
- Carvalho, A. D. de. (2006). *Dicionário de Filosofia da Educação*. Porto: Porto editora.
- Coreth, E. (1988). *O que é o homem? Elementos para uma Antropologia Filosófica*. 3ª edição. Lisboa: editora Verbo.
- Comenius, J. A (2006). *Didactica Magna ou a arte de ensinar tudo a todos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Cunha, P. (1996). *Ética e Educação*. Lisboa: Universidade Católica.
- Cury, A. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. São Paulo: Editora Sextante
- Fullat, O. (1983). *Filosofia de la Educacion*. 1ª edição. Barcelona: CEAC
- Gatti, A. (1994). *Educazione Morale*, in *Dizionari de Filosofia*.
- Handy, C. (1995). *A Era da Incerteza*. Portugal: edições CETOP.
- Libaneo, J.C. (2008). *Pedagogia e Pedagogos para quê?* São Paulo: Cortez
- Massón, M. (2003). *Educación Comparada*. Habana: Cuba.
- Meksenas, P. (2003). *Sociologia da Educação, uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*. 11ª ed. S. Paulo: editora Loyola.
- Mialaret, C. (1976). *As Ciências da Educação*. Lisboa: Moraes edit.
- Mondim, B. (1994). *Filosofia della cultura e dei valori Massimo*. Milano: Dino Editore.
- Mora, F.J. (1965). *Dicionário de Filosofia*, 2º Vol. Buenos Aires: edit. Sudamericana.

- Morra, G. (1992). *Il Quarto Uomo Post Modernità o crisi della modernità*. Roma: Arnando editora.
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes da educação do futuro*. Lisboa.
- Ngaba, A. V. (2012). *Políticas Educativas em Angola (1975-2015), entre o global e o local: o sistema educativo mundial*. Mbanza-Kongo: SEDIECA.
- Oliveira, J.H.B. (1997). *Filosofia, Psicanálise, Educação*. Coimbra: Livraria Almeida.
- Oramas, M. S. & Toruncha, J. Z. (2002). *Hacia una Didáctica desarrolladora*. Cuba: editorial Pueblo y Educación.
- Pimenta M. De L. et al. (1999). *Dimensões de Formação na educação*. Portugal: Editora Calouste Gulbenkian.
- Pinto, F. C. (2004). *Cidadania, Sistema Educativo e Cidade Educadora*. Lisboa: Editora Horizontes Pedagógicos.
- Platão. (1989). *Republica. Livro VII*. 2ª edição. São Paulo: Editora UnB
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. Lisboa: Editora Instituto Piaget.
- Touraine, A. (1996). *O que é a Democracia?* Lisboa: Editora Instituto Piaget.